

Niterói e São Gonçalo param

A greve dos professores da rede particular de ensino de Niterói e São Gonçalo teve ontem seu segundo dia sem que todas as escolas estivessem fechadas, apesar de o sindicato da categoria garantir que a paralisação atingiu "pelo menos 90%" dos colégios das duas cidades. A maior vitória dos professores foi a adesão do Instituto Abel, que ontem paralisou suas atividades com o consentimento do diretor, padre Albano.

O maior piquete aconteceu na porta do Colégio Plínio Leite, de propriedade do presidente do sindicato patronal, Conte Bittencourt. Desde as 6h30min, dezenas de professores, carregando faixas, cartazes e megafones, tentaram impedir a entrada dos colegas, contando inclusive com a ajuda de alguns alunos. O colégio, entretanto, teve aulas normalmente.

Não houve evolução nas negociações entre os professores e os donos das escolas. O presidente do sindicato dos estabelecimentos de ensino, Conte Bittencourt, disse que os professores não aceitaram a nova proposta dos patrões, de 130% de reajuste salarial nas turmas de alfabetiza-

ção à 4ª série e 120% daí em diante. "Os professores não querem negociar. Já subimos nossa proposta e não podemos pagar mais", lamentou Bittencourt.

Na porta do seu colégio, a revolta foi grande, pela manhã. Os alunos uniram-se aos grevistas nas reclamações, mostrando carnês de pagamento com mensalidade de CZ\$ 322,20 em janeiro e CZ\$ 647 em abril:

— Apoiamos integralmente o movimento, pois também queremos melhorias na qualidade do ensino, e para isso os professores precisam de uma reumuneração melhor — disse o diretor da Associação Metropolitana de Estudantes Secundaristas, Paulo Reiners.

No fim da tarde, cerca de 100 professores fizeram ato público em frente à Câmara de Vereadores, no centro de Niterói, e comunicaram que o movimento continua por tempo indeterminado. Segundo o presidente do sindicato dos professores, José Ferreira Costa, os colégios tentam esvaziar o movimento fazendo acordos paralelos com seus empregados.